

Panel 13: Feminist Practices

1. Lauren Fournier, York U [lgfournier@gmail.com]

Auto-Theory as an Emerging Mode of Feminist Practice Across Media

Joan Hawkins describes Chris Kraus's *I Love Dick* (1998) as “theoretical fiction,” meaning not simply fiction informed by theory but fiction in which “theory becomes an intrinsic part of the ‘plot,’ a mover and shaker in the fictional universe created by the author.” In similar fashion, Maggie Nelson's *The Argonauts* (2015) and Paul B. Preciado's *Testo Junkie* (2008) have been described as auto-theory, though this term has not yet been defined. My dissertation seeks to define and historicize this emerging mode of feminist practice, contextualizing it in light of the history of feminist performance art and conceptualism; African-American feminist artist Adrian Piper's durational performance piece *Food for the Spirit* (1971) becomes an entry point for my discussion of auto-theory as a mode of feminist practice. This paper will provide an introduction to the framework and key concepts through which I approach “auto-theory”: a trans-medial, feminist and queer feminist practice that manifests across fiction, critical writing, sound, film, video, art writing and criticism, and performance art. In auto-theory, theorized personal anecdotes or embodied actions constellate with fragments from the history of philosophy to form potent analyses of gender, politics, academia, and contemporary art. Embodied experience becomes the primary material for generating theory, foregrounding disclosure and ambivalence as that which enhances critical rigour and relevance; this move is fundamentally feminist, even as many of these writers and artists openly problematize the feminist position. These writers have internalized such feminist precepts as “the personal is political” and have adjusted them according to new contexts. As postmodern subjects working in the wake of modernism—a long century in which the male-dominated spheres of literature and theory upheld “distance” and “disinterestedness” over emotionality or transparent investment—these artists and writers trouble the tenets of both the modernist canon as well as the younger canon of postmodern feminism.

Autoteoria como um modo emergente de prática feminista através das mídias

Joan Hawkins descreve *I Love Dick* (1998) de Chris Kraus como “ficção teórica”, significando não simplesmente ficção informada pela teoria, mas ficção na qual “teoria se torna uma parte intrínseca do enredo, um agente e agitador no universo ficcional criado pelo autor.” De maneira similar, *The Argonauts* (2015) de Maggie Nelson e *Testo Junkie* (2008) de Paul B. Preciado têm sido descritos como auto-teoria, mesmo que este termo ainda não tenha sido definido. Minha dissertação busca definir e historicizar este modo emergente de prática feminista, contextualizando-o à luz da história da arte performática e conceitualismo feministas. O trabalho performático duracional *Food for the Spirit* (1971) da artista feminista afro-americana Adrian Piper se torna um ponto de partida para minha discussão de auto-teoria como um modo de prática feminista. Este artigo proverá uma introdução à estrutura e conceitos chave através dos quais abordo “auto-teoria”: uma prática transmidiática, feminista e de minorias sexuais feministas que se manifesta através da ficção, escrita crítica, som, filme, vídeo, escrita artística e crítica e arte performática. Na auto-teoria, anedotas pessoais teorizadas ou ações incorporadas

orbitam fragmentos da história da filosofia para formar análises potentes de gênero, política, academia e arte contemporânea. Experiência incorporada se torna a matéria-prima para geração de teoria, destacando revelação e ambivalência como aquilo que realça o rigor crítico e relevância. Este movimento é fundamentalmente feminista, mesmo que muitos destes escritores e artistas problematizem abertamente a posição feminista. Estes escritores internalizaram tais preceitos feministas como “o pessoal é político” e ajustaram-nos de acordo com novos contextos. Como indivíduos pós-modernos trabalhando no despertar do modernismo — um longo século no qual as esferas literárias e teóricas masculinamente dominadas mantiveram “distância” e “desinteresse” sobre investimento emocional ou transparente — estes artistas e escritores desafiam os mandamentos de ambos, o cânone modernista bem como o cânone jovem do feminismo pós-moderno.

[Traduzido por Lucas Victor de Oliveira - oliveiralucasvictor@gmail.com]

Lauren Fournier is an artist, writer, and PhD candidate in the Department of English at York University where she is completing a SSHRC-funded doctoral project on “auto-theory” as a contemporary mode of feminist practice across media. Her work has been exhibited in galleries and artist-run centres across Canada, the United States, and Berlin. Her writing has been published in *Canadian Art*, *Magenta*, *The Journal of Comparative Media Arts*, *Canadian Journal of Woman Studies*, and *West Coast Line*. She is on the editorial committee of KAPSULA and the programming committee of the Feminist Art Conference (FAC) in Toronto. She is a graduate associate with the Centre for Feminist Research at York University, and has previously organized the Feminist Pedagogy Working Group through OISE and CFR.

Emma McKenna, McMaster U [mckennej@mcmaster.ca]

Burning the Boundaries of Political Action: Feminism, Anarchy, and Militancy in Anne Hansen’s *Direct Action: Memoirs of an Urban Guerilla*

In this paper, I situate Canadian political anarchist Anne Hansen’s writing within the genre of feminist memoir, and her activism within feminist history. On November 22 1982, the firebombing of three Red Hot Video stores in Vancouver’s Lower Mainland made national media headlines. The nascent feminist group the Wimmin’s Fire Brigade—of which Hansen was a part—claimed responsibility for the action, declaring it an act of “self-defense against hate propaganda.” I suggest that the firebombing marks a turning point for Canadian feminist activism not simply because of the use of violence by women against the state and private capital, but because of the failure of the state to intervene on a new form of capitalism that commodifies violence against women. In demonstrating how the materiality of violence against women was undergoing a remarkable historical shift through the creation of and distribution of commercial representations of sexualized violence against women, I argue that feminists in early 1980s Canada were facing uncharted political terrain.

Despite the novelty of the firebombing, the only publication that examines this event thoroughly is Ann Hansen’s memoir. I suggest that Hansen’s memoir may be overlooked within feminist literary studies due to her theorization of women as active participants in oppositional violence and criminal sabotage. Through an examination of her personal writing, communiqués, and court

statements, I examine her politicization via anarchist and feminist principles. I argue for the importance of disrupting what counts as feminist agency under particular historical conditions, and for the inclusion of narratives of women's violence within our own stories of what counts as feminism.

Queimando os limites da ação social: feminismo, anarquia, and militância em 'Ação Direta: Memórias de uma Guerrilha Urbana' de Anne Hansen

Neste artigo, situo a escrita político-anarquista canadense de Anne Hansen dentro do gênero discursivo da autobiografia feminista assim como seu ativismo dentro da história feminista. Em 22 de novembro de 1982, as explosões incendiárias de três lojas da Red Hot Video na região de Lower Mainland, em Vancouver, chegaram às manchetes da mídia nacional. O grupo feminista emergente Wimmin's Fire Brigade [Brigada de Incêndio das Mulheres] – do qual Hansen fazia parte –, assumiu a autoria do atentado, declarando-o um ato de “autodefesa contra a propaganda de ódio.” Sugiro que os incêndios marcam um ponto de virada para o ativismo feminista canadense, não somente pelo uso de violência por mulheres contra o estado e o capital privado, mas pela falha do Estado em intervir numa nova forma de capitalismo que mercantiliza a violência contra as mulheres. Ao demonstrar como a materialidade da violência contra as mulheres estava passando por uma notável mudança histórica através da criação e distribuição de representações comerciais de violência sexualizada, argumento que as feministas do Canadá no início dos anos 1980 estavam enfrentando um terreno político desconhecido.

A despeito do caráter inovador dos atentados, a única publicação que examina este evento cuidadosamente é a autobiografia de Anne Hansen. Sugiro que as memórias de Hansen podem passar despercebidas entre os estudos literários feministas devido sua teorização das mulheres como participantes ativas na violência opositiva e sabotagem criminosa. Através de um exame de seus escritos pessoais, comunicados e depoimentos, examino sua politização via princípios da anarquia e feminismo. Argumento pela importância de interromper o que se considera como entidade feminista sob certas condições históricas e pela inclusão de narrativas de violência feminina dentre nossas próprias histórias do que se considera feminismo.

[Traduzido por Lucas Victor de Oliveira- oliveiralucasvictor@gmail.com]

Emma McKenna is a Joseph-Armand Bombardier SSRHC Doctoral Fellow and PhD Candidate in English and Cultural Studies at McMaster University. Her dissertation is entitled *The Hegemony of Gender, Race, and Class in 1980s Canada: A Feminist Political Economy Critique*. Emma has researched and lectured on a range of themes in feminist theory, including critiques of neoliberalism, the relationship between intersectionality and anti-racist Marxist-feminism, Canadian feminist history, memoir and affect theory, queer and trans theory, and working-class studies. Emma's work has been published in *Review of Education, Pedagogy, and Cultural Studies* and *Atlantis: Critical Studies in Gender, Culture, and Social Justice*.

3. Ana Nenadovic, Free U of Berlin [Ana.Nenadovic@fu-berlin.de]

Performing Feminism, Performing Testimony: Female Rap Artists from Latin America

Crossing lines is one of the premises of hip hop in general and, especially, of female rap artists. Hip hop as an artistic expression crosses the lines between poetry and music. Femcees cross the line by entering a predominantly male genre, which has been harshly criticised for its sexist lyrics and performances. The femcees cross even more lines when seizing hip hop for their feminist agenda, defying thus the image of women propagated in this genre. Since as early as the mid-1990s, women all over the Latin American continent have been joining the hip hop scenes, but it is only in the recent years that their voices are starting to be heard. Apart from being art, hip hop fulfils multiple functions: it constitutes a public space for subaltern voices, it embodies the performativity of the feminist struggle against patriarchy as well as the performativity of testimony. In their lyrics, the femcees address numerous subjects, such as state repression, social inequalities, armed conflicts as well as gender-based violence, feminicide, homophobia and racism. This contribution aims to analyse how the femcees perform their struggle against patriarchal structures, on the one hand, and how they perform testimony of their experiences and lives, on the other hand, through hip hop. Furthermore, it is an objective to determine how hip hop lyrics and performances eventually become a place of memory for female realities in Latin America in the 21st century. Youtube videos by femcees from Mexico, Cuba, Venezuela, Chile, Guatemala and Argentina, amongst others, constitute the object of investigation. Aspects studied are the use of images and the femcees' self-representation in the videos as well as the testimony in the lyrics itself.

Ana Nenadovic completed her studies in Hispanic and African Studies, with Literary Studies as her key area, and German as Second and Foreign Language at the University of Vienna, Austria, and the University of Havana, Cuba. After two years at the Department for German Studies at the University of Guadalajara, Jalisco, Mexico, she is now a research assistant at the Institute for Latin American Studies at the Free University of Berlin, Germany. Her main areas of research are Postcolonial and Gender Studies, Postcolonial Trauma Theory, as well as Urban Art and Hip Hop. Currently, she is working on her doctoral thesis on the representation of sexual violence against women in postcolonial novels from Latin America and South Africa.

Apresentando feminismo, apresentando testemunho: as artistas do rap da América Latina

Atravessar fronteiras é uma das premissas do hip hop em geral e, especialmente, de mulheres rappers. Hip hop como expressão artística atravessa as fronteiras entre poesia e música. As femcees (rappers mulheres) atravessam a fronteira, adentrando um gênero predominantemente masculino, o qual vem sendo duramente criticado por suas letras e performances sexistas. As femcees atravessam ainda mais fronteiras quando apoderam-se do hip hop para seus propósitos feministas, desafiando assim a imagem das mulheres propagada por este gênero. Desde o meio dos anos 1990, mulheres ao redor de toda a América Latina tem entrado para as cenas do hip hop, mas apenas nos últimos anos suas vozes começaram a ser ouvidas. Além de ser arte, o hip hop exerce múltiplas funções: constitui um espaço público para vozes subordinadas, corporifica a performatividade da luta feminista contra o patriarcado e também a performatividade do testemunho. Em suas letras, as femcees abordam vários assuntos, tais como repressão estatal, desigualdade social, conflitos armados assim como violência de gênero, feminicídio, homofobia e racismo. Este trabalho busca analisar como, por um lado, as femcees apresentam sua luta

contra as estruturas patriarcais e como, por outro, elas apresentam testemunho sobre suas experiências e vidas através do hip hop. Ademais, é um objetivo determinar como letras e performances de hip hop eventualmente se tornam um local de memória para realidades femininas na América Latina no século XXI. Vídeos no Youtube de femcees do México, Cuba, Venezuela, Chile, Guatemala e Argentina, entre outros países, constituem o objeto de pesquisa. Alguns dos aspectos estudados são o uso de imagens e a autorrepresentação das femcees nos vídeos assim como nos testemunhos nas próprias letras.

[Traduzido por Lucas Victor de Oliveira - oliveiralucasvictor@gmail.com]